OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1040

20 DE NOVEMBRO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CONSELHEIRO DR. JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOCAGE — FALECIDO EM 3 DO CORRENTE

Desenho de Thadie, de Paris

Chronica Occidental

A tout seigneur tout honneur.

Não gosto de citar frases francezas; tem o seu ar pedante, e, muita vez, seja qual for o apuro da caligraphia, o compositor não se entende com ellas. Nas raras traducções que fiz encontrei-a uma vez e não me sahi muito mal, creio eu. «*A S. Ex.*ª como a quem é.»

Mas d'esta vez, o *S. Ex.*ª não bastava, e a traducção não servia...

Andam na moda as entrevistas. Os jornalistas portuguezes batem á porta de todos os politicos para saber de suas opiniões e planos futuros; qualquer questão que se debata — entrevista. Deram brado, por vezes, as que um redactor do *Mundo* teve com marechaes dos partidos monarchicos. Não admira, portanto, que maiores discussões provocasse a que um jornalista francez, mr. Galtier, acaba de conseguir com mais alto personagem a quem um *S. Ex.*ª não basta.

As declarações foram taes que as qualifica o *Seculo* como o facto politico de maior gravidade no actual reinado. Por isso começamos a chronica a esse facto nos referindo.

Tal foi a impressão produzida que até poz de lado outra questão que ia muito accesa e para a qual tambem pelo francez, ao alto citado em italico, haveriamos de começar. O *S. Ex.*ª tambem era muito pouco, e, se em Portugal ha mais que uma *magestade, eminencia* ha apenas uma. Questão liquidada parece que é a da resignação do sr. Patriarcha, o que não impedirá a discussão sobre o caso, que uma vantagem teve, pelo menos: a do reconhecimento das muitas virtudes, por todos confessadas, do que foi chefe da egreja lusitana.

Um e outro importantissimo facto agora foi recordado, em sitio e hora em que a mais sentida homenagem era prestada á memoria d'um dos mais illustres chefes d'um partido politico, o qual muitos serviços prestou á monarchia.

Realisaram-se na egreja de S. Domingos exequias solemnes por alma de Hintze Ribeiro. O templo estava cheio e viam-se entre a assistencia os representantes da familia real, ministros, pares, antigos deputados e os vultos principaes do partido regenerador.

Subiu ao altar e disse a missa de requiem o sr. bispo do Algarve, D. Antonio Mendes Bello, indigitado successor do sr. Patriarcha e que de Faro viera expressamente prestar á memoria do fallecido chefe do partido regenerador mais essa prova de respeito e velha amizade.

Estava em fóco o illustre bispo e as attenções haviam de distrahir-se um pouco para uma questão que ia tão falada.

Subiu ao pulpito o sr. dr. Alves dos Santos, lente da Universidade de Coimbra, e fez o elogio do alto espirito, da obra politica, do excellente coração do que fôra na politica portugueza um dos vultos maiores.

A' resenha que fez da vida e obra de Hintze Ribeiro, desde que, pela primeira vez, foi chamado ao poder, poz como terminação estas sentidas palavras: «Penso, meus senhores, que nos occorre o dever moral e civico de considerar a sua vida como a vida d'um dos maiores benemeritos da patria e a sua morte como uma irremediavel catastrophe, uma verdadeira perda nacional.» Falou depois das qualidades moraes do homem que pobremente viveu e na miseria se extinguiu, dizendo que a patria deve honrar-lhe a memoria, começando por prestar auxilio á heroica senhora que compartilhou tantas amarguras.

Com muitas lagrimas assistia ella no templo aos officios funebres, e, finda a cerimonia religiosa, todos foram cumprimental-a. Acompanhou-a á carruagem o sr. conselheiro Julio de Vilhena, o novo chefe do partido.

Enterrar os mortos e pensar nos vivos é maxima de todos os tempos e para que assim se deva proceder não seja preciso que um novo terramoto atire abaixo as casarias de Lisboa.

Os tempos vão revoltos, mais do que se cuida. O bom sol que nos aquece agora finalmente, e este céo azul do lindo verão de S. Martinho não nos dão para os casos da politica portugueza, mais uma vez, uma estafadissima figura de rhetorica.

Os temporaes, as inundações, os naufragios, já lá vão, e não foram poucos. Arvores arrancadas serão substituidas, os campos adubados darão melhores colheitas; só nos naufragios é que, infelizmente, ha mortes bastantes que lamentar.

Foi na praia da Vieira que a tragedia se deu. O mar agitado atirou para cima d'um banco um batel de pesca, que logo ficou feito pedaços. Era tripulado por trinta e seis homens, dos quaes ficaram mortos quatorze. Appareceram já doze cadaveres, cujo enterramento foi uma commovente cerimonia.

Tambem nas alturas da praia da Arrifana, proximo de Algesur, se deu a desgraça d'um abalroamento entre a chalupa *Futuro II*, que seguia de Lisboa para Lagos e o vapor *Diana* que de Villa Real de Santo Antonio seguia para Lisboa. A chalupa *Futuro* foi a pique em poucos instantes, e a tripulação abandonou o vapor que estava mettendo muita agua e que, mais tarde, foi rebocado até Lagos pelo vapor inglez *Seabelle*, que, depois seguiu com elle para Gibraltar.

Tristezas!... E se fossem só essas!

Por um tempo lindo acaba de realisar-se o funeral de José Ayres de Magalhães, na flôr da mocidade arrancado ao carinho dos seus que o estremeciam e de quem era esperança. Assim se foi com pouco mais de vinte annos, pela primeira vez dando um desgosto a seus paes, desfazendo á esposa todo um sonho de felicidade. Quem diria, ha pouco mais d'um mez, ao vel-o passar, elegante, risonho, sonhando arte, que o andava a morte namorando! Com que saudade elle havia de despedir-se d'um sol tão rutilo, d'um ceu tão azul! Quanta dôr uns illumina, quanta miseria a outros cobre!

Que negrumes por tanto lado, que incertos pontos de interrogação! Que novas surgem de repente espantando os mais distrahidos, os mais indifferentes!

Lucta-se emfim e a lucta é vida! Fala se no bloco monarchicho. Diz o *Popular* que não serão considerados regeneradores os que façam accordos de qualquer natureza com o governo; o *Correio da Noite*, em nome dos progressistas, fala na sinceridade de sua indignação; o *Dia*, em nome dos dissidentes, diz que voltará para seu insubmisso isolamento, se o bloco liberal falir. Reunidos no domingo sob a presidencia do sr. Alpoim, tomaram os dissidentes resoluções graves que levaram, por lealdade, ao conhecimento e apreciação do bloco. Mais uma importante nova politica: Filiou se no partido republicano o sr. Augusto José da Cunha, que foi o ultimo presidente da camara dos pares.

Lá de fóra e da nossa visinha Hespanha noticias chegam que nos podem incommodar. A eterna questão das pescarias nas costas do Algarve entrou n'um estado agudo, tendo havido em Ayamonte revoltas contra as auctoridades. Ultimos telegrammas annunciam, porém, um relativo socego.

Se quizermos melhores novas, temos de ir buscal-as mais longe, a Londres, por exemplo, onde o acaso reuniu agora nem menos de cinco rainhas: a da propria Inglaterra, eternamente joven e formosa, a de Hespanha, a de Noruega, a imperatriz Augusta Victoria, e finalmente a Rainha de Portugal, sr.ª D. Amelia, que para ali partiu para assistir ao casamento de sua irmã, princeza Luiza de Orleans, com o principe Carlos de Bourbon.

Nem do Brazil, d'onde tão boas novas nos veem tanta vez, nos chegam agora que alegremente se archivem. A actriz Loppiccolo abandonou, sem mais tir-te nem guar-te, a companhia de José Ricardo com quem andava representando no norte do Brazil. Aos pobres actores e actrizes, que já não andavam em maré de grande felicidade, nem a esperança de uma pequenina desforra lhe ficou. Breve devem chegar aqui, talvez arrependidos de haver ido tentar fortuna.

A má sorte, que tanta gente de bem persegue, parece tambem não haver querido, d'esta vez, proteger gatunos. Tão adeantados vão estes na civilisação que até montaram em Lisboa um escriptorio de gatunagem. Não deu resultado, que é o que muito admira.

João da Camara

J. V. BARBOSA DU BOCAGE

Não é uma biographia o que vamos escrever, trabalho de maior responsabilidade, que exige superiores recursos e espaço mais largo do que as columnas de um periodico destinado a dar simplesmente e com a concisão necessaria as actualidades que devem atrahir a atenção pouco demorada do publico distrahido.

Reunimos em volta do nome, por mais de um titulo imortalisado, de Barbosa du Bocage algumas notas que representam apenas uma contribuição para o que deveria ser mais tarde a historia do notavel homem de saber, que acaba de extinguir se entre o respeito e o afecto de uns, a admiração de muitos, a veneração de todos.

Somos d'aquelles que entendem que para a biographia de um homem não basta dizer a data do seu nascimento e da sua morte, o logar que lhe serviu de berço. De um homem como Barbosa du Bocage importa sobretudo conhecer a estirpe e os feitos, os actos assignalaveis da sua vida, pelos quaes se impõe á estima e apreço de seus conterraneos e ainda, como no caso presente, á apreciação dos estrangeiros e á dos vindouros.

Numa epoca em que, por assim dizer, se cultiva o egoismo, se pavoneiam exterioridades e se afectam mundanismos, a nobre personalidade do conselheiro Barbosa du Bocage era uma figura que destacava como uma estatua da Severidade no meio da dissolução romana.

A altiva correcção das suas maneiras não se compadecia com as negligencias da sociedade actual. A' sua limpida consciencia, não afeita a transigencias, era impossivel, por uma razão analoga, integrar-se na politica moderna. Nasceu para o culto das Sciencias como outros nascem para o culto das Artes, e o Saber foi a sua suprema aspiração, que elle satisfez á custa da maior parte da sua existencia, votando alma e coração ao estudo de um dos ramos da sabedoria mais interessantes e mais productivos — o estudo da natureza animal.

Comtudo, possuidor no seu intimo da fórma mais pura do patriotismo e coevo como foi de acontecimentos e individualidades que promoveram uma crise de agitação e enthusiasmo pelas conquistas liberaes, tomou parte nesse movimento de revolta que se pronunciou em 1846.

De uma ilustração muito variada e completa para o seu tempo e possuindo na sua herança, tanto paterna como materna, as mais nobres disposições, amando com ardor a terra que o viu nascer, pode dizer se que a vida do ilustre varão que foi José Vicente Barbosa du Bocage se reparte em phases, que se ligam por intima transição: a luta pela liberdade, a sciencia e a administração politica. Em todos três elle manifestou as poderosas fulgurações do seu espirito privilegiado, em todas ellas foi notavel, constituindo no seu admiravel conjuncto um exemplo raro, cuja historia merece ser editada e profusa, para ensinamento e glorificação.

Nascido em um periodo de lutas e de sobresaltos, não podia o seu animo deixar de resentir-se do generoso impulso que leva a debaterem-se as ondas populares contra a tyrania que pretende comprimil as. Barbosa du Bocage, ainda estudante da Faculdade de Medicina, acompanhou com o fervor proprio dos verdes annos a mocidade academica nesse ruidoso protesto contra o governo cabralino, revolução que é conhecida pela denominação de *Patuleia*.

Conseguida brilhantemente a sua formatura, em que logo manifestou a sua rara pujança intellectual, veiu para Lisboa, feito bacharel em medicina e ahi começou a exercer a clinica, que a breve trecho largou pela ocupção que foi sempre o seu sonho aureo — o estudo das sciencias naturaes. Entrou pois no magisterio superior, como lente da Escola Polytechnica, substituto á cadeira de zoologia, não por uma questão de sorte ou effeito de benevola protecção, mas pelo contrario, por direito de conquista e bem estribado nos singulares merecimentos que o distinguiam, antes contrariado por essa politica que havia de muito cedo leval-o a desenganos crueis para o seu sentimento lidimo de verdadeiro patriota.

Vem deste facto, que limita a sua primeira *étape* na vida publica, o seu advento como inovador e creador para a sciencia do seu país.

Ao tempo existiam dispersos pelos diversos estabelecimentos, em que se encontrava uma debil actividade scientifica, raros elementos, alguns de valor, para o estudo das sciencias naturaes.

O Museu Real d'Ajuda achava-se defraudado pela malefica extorsão ordenada por Junot em 1808, em consequencia da qual o professor Geoffroy Saint-Hilaire levou para França mais de 1500 exemplares e alguns documentos valiosos. Na Academia Real das Sciencias existia um pequeno Museu, insufficiente para as aspirações dos raros cultores da philosophia natural d'então.

Na Escola Polytechnica um ensino, que hoje corresponderia a um programma de Lyceu, contentava-se com a imaginação de cousas que a ausencia do material tinha de aguçar fortemente, na falta de uma concretisação adequada.

Com o desaparecimento do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e de Felix de Avellar Brotero fechara se o primeiro ciclo dos estudos historico-naturaes em Portugal, iniciados com tanto talento e exito pelos dois sabios que acabamos de nomear. Foi no meio desta penuria extrema que o professor Barbosa du Bocage teve de encetar a sua gloriosa obra do Museu da Escola Polytechnica e a organisação dos estudos da Historia Natural entre nós.

Como as portas genialmente lavradas d'aquelle

Baptisterio de Florença, que Ghiberti andou lavrando uma boa parte da sua existencia, o sabio português gastou a maior parte da sua vida collecionando, estudando, ordenando, revendo, catalogando, etiquetando mesmo, as riquezas naturaes encontradas nesses nucleos de que veiu a constituir-se o Museu Nacional e que em 1858 o venerando zoologista fez transferir para o velho Colegio dos Nobres.

BARBOSA DU BOCAGE
ULTIMO RETRATO

Dado este passo, que abre uma era para a sciencia e para o ensino concreto em Portugal, o mestre mais se concentra no trabalho indefesso e infindavel de erigir um estabelecimento em tudo digno das suas elevadas aspirações e pela sua inquebrantavel vontade, pelo seu zelo, pela sua habil diplomacia, pelos seus conhecimentos adquiridos no estrangeiro, em proficientes viagens de estudo e pelas relações travadas com funccionarios do Ultramar, trata de avolumar os até então falhos e entresachados elementos, que privavam as primitivas galerias. 50 annos desta laboriosa fundação bastam com certeza para atestar a grande diligencia intelligentemente feita pelo ilustre professor, que teve a necessidade de crear em volta de si uma escola de naturalistas, que elle ensinava tanto com o exemplo como com a autoridade da sua palavra. Foi assim que elle reuniu nos successivos periodos do estabelecimento do Museu que hoje tem o seu nome glorioso, uma pleiade de colaboradores, empenhados em auxiliar o saudoso Mestre. Desses colaboradores alguns morreram prematuramente, como Arruda Furtado, José Augusto de Sousa, Felix Capello e Guimarães deixando de si honrada memoria; outros o acompanharam até ao fim da sua carreira e foram destinados a continuar a sua obra.

O que é essa immensa productividade, que em mais de 40 annos encheu os varios periodicos scientificos e noticiosos, nacionaes e estrangeiros da sua epoca, hão de dizel-o ainda os que andam concatenando os trabalhos, tantos e tão variados, do notavel zoologista.

Para avaliar porém o esforço sobrehumano, a resistencia e amor ao trabalho deste grande vulto que a morte acaba de prostrar, notamos o facto seguinte: Quando os achaques que sempre o perseguiram, se exarcebaram com a edade e veiu a cegueira fatal, parecendo prejudicar de todo aquella incansavel actividade e abater-lhe o animo varonil, elle, cheio de resignação e de coragem, continuou a estudar e publicou ainda algumas memorias scientificas, entre ellas a revisão da fauna das ilhas do golfo de Guiné; não abandonou o seu museu, a maior obra da sua vida, proseguiu nos cuidados a dispensar para sustentaculo da famosa instituição, que tão admirada tem sido de nacionaes e estrangeiros.

A sua pasmosa actividade cifra-se em cerca de 200 memorias e trabalhos mais ou menos importantes, entre os quaes figuram a *Ornithologia de Angola*, de que ainda ha pouco o sabio director do Museu do Transvaal, Mr. Gruning, dizia ter-lhe servido de precioso guia, e a *Herpotologia de Angola e Congo*, premiada pela Academia Real das Sciencias, de que elle foi preclaro membro.

Nessa extensissima serie o professor Barbosa du Bocage descreveu cerca de 100 especies e variedades novas para a sciencia, ou pouco conhecidas, as quaes foram reconhecidas e adoptadas na sua maior parte por zoologos de auctoridade incontestavel.

Foram os trabalhos do professor Bocage que imprimiram ao estudo da fauna continental portuguêsa e das colonias um incremento e uma direcção proficiente, de que provieram as explorações extraordinariamente fornecidas de Anchieta, de Newton, de Rosa de Carvalho, Newton pae e outros numerosos contribuintes, que o prestigio e auctoridade do nosso eminente zoologista souberam pôr á contribuição, enriquecendo as galerias do Museu de Lisboa e os archivos scientificos.

O meticuloso e delicado exame das muitas e variadas especies determinadas pelo sabio naturalista, não tem apenas o caracter de uma paciente determinação scientifica. Em muitos casos importa o estudo de vastos problemas da biologia. Assim foi que, ao tempo em que era opinião firme entre os biologistas que as profundidades oceanicas seriam deshabitadas e que abaixo de 400 metros a vida se extinguia, os trabalhos porfiados do professor Barbosa du Bocage conseguiram revelar especies de esqualos trazidos pelos pescadores de Setubal de profundidades de mais de mil metros. Prende-se a esta descoberta importantissima, que se liga ás primeiras tentativas da nova sciencia oceanographica, o nome de Felix de Brito Capello. Está no mesmo nivel o descobrimento das esponjas da familia *Hyalochetidae*, principalmente a *Hyalonema luzitanica*, cuja existencia nos mares de Portugal, averiguada pelo professor Bocage, causou espanto no mundo scientifico, chegando a supôr-se que se tratava de algum producto artificial confeccionado pelos pescadores, para explorar a credulidade dos naturalistas. A descoberta estava porém seguramente feita e obteve depois a confirmação da incontestavel auctoridade do sabio escocez Perceval Wright, que aqui veiu colher os elementos do seu estudo especial sobre os esponjiarios. Noutras difficeis e intrincadas diagnoses, como na do Lagarto exclusivo dos ilheus desertos de Cabo Verde, não foi menos habil nem menos feliz.

A determinação do extraordinario gaurio, até então desconhecido, mas de um grande valor para a sciencia, é um dos mais curiosos estudos do nosso insigne naturalista. Toda essa descrição é, póde-se dizer, um molde classico, digno de ser seguido.

Prestam-lhe a mais completa justiça os sabios zoologistas do Museu de Paris, A. Dumeril e M. Bocourt, na sua obra monumental sobre as investigações zoologicas da America Central e do Mexico.

Foi pois com um respeito completo pela verdade e com o aplauso constante e a admiração incondicional dos conhecedores na materia, dentro e fóra do país, que o seu nome se repercutiu muito longe, onde mal chega a noticia deste pequeno povo do extremo ocidente europeu, mas onde de tempos a tempos avultam personalidades como esta, que o tornam digno de atenção nos confins do mundo.

A Sociedade de Geographia de Lisboa, de que o eminente professor foi um dos fundadores e o segundo presidente, fez-lhe a merecida apotheose em 5 de junho de 1903, sendo-lhe entregue no meio de uma ceremonia comovente a medalha de honra, que esta Sociedade só confere por titulos excepcionaes.

*

Barbosa du Bocage entrou na politica, mas em todos os seus actos de administração publica provou bem que a politica o não apaixonára. Foi deputado, par do reino e ministro em mais de uma situação, por vezes em circunstancias bastante dificeis, sobraçando pastas dependentes de aptidões muito variadas.

Em todas essas ocasiões revelou o tato finissimo e o seu nunca desmentido amor da patria.

Sendo membro da camara electiva em 1878, levantou-se um d'esses costumados conflitos entre pescadores hespanhoes e portuguêses. O facto revestiu então excepcional gravidade e foi designado o dr. Barbosa du Bocage para regular a questão. A sua sabedoria aliada a uma prudencia, que era um dos fundamentos mais estaveis do seu caracter, triumpharam dos obstaculos, concluindo um acordo honroso para Portugal e favoravel aos interessados.

Sendo ministro, o seu nome e as suas qualidades enalteceram-se na gerencia da pasta da Marinha com Fontes Pereira de Mello. Em 1884 teve de gerir a pasta dos negocios estrangeiros e que finura diplomatica mostrou n'esse alto cargo! De novo foi chamado a ocupar o mesmo ministerio em 1890, dessa vez na hora aflitiva do *ultimatum* da Inglaterra. Da maneira como elle conseguiu vencer as objecções e aplacar as más vontades fala a historia dos acontecimentos politicos dessa época anormal, sem que uma censura acre possa denegrir a reputação impoluta do ilustre homem publico. Foi depois nomeado Conselheiro d'Estado e nessa alta magistratura viu elle sempre o acatamento e a conta elevada em que era tida a sua opinião, sempre norteada pelo seu admiravel bom senso.

O conselheiro Barbosa du Bocage foi politico, mas como tal fez sempre a melhor administração, aquella que um homem de sciencia, de uma grande elevação de ideas e de nobre sentimento podia fazer, desinteressada e util, com um intuito unico — a felicidade e o engrandecimento da Patria.

Na sua triplice manifestação de grandeza, academica, patriotica e politica o homem que a fatalidade das transmutações vitaes acaba de absorver no tumulo, bem mereceu dos seus contemporaneos as homenagens que em vida e no seu passamento lhe foram tributadas, sendo pela sua elevada estatura moral um dos raros a que a maledicencia se não atreve a tocar. A sua honrada memoria merece ser perpetuada e cremos que ha-de sel-o da maneira mais digna dos talentos e virtudes do venerado Mestre.

J. Bettencourt Ferreira.

CAMPANHA DOS CUAMATAS

As muitas juntas de bois parecem indicar o esforço que foi mister empregar nos transportes, não só por causa dos areaes, como para vencer as ingremes subidas no difficil trajecto para o Cuamato

Um comboio atravez do país dos Cuamatas *(De fotografia)*

A photographia tirada durante a marcha para o forte Roçadas mostra bem a opulenta vegetação africana.

Que magnifico arvoredo!

Do forte Roçadas partiu a columna expedicionaria em 27 de agosto ultimo, tendo por objectivo occupar a posição de Ancongo.

Surprehendeu-a, tentando vigorosamente destrui-la, o inimigo, que foi rechaçado com grandes perdas em Musilo, onde se feriu uma verdadeira batalha, segundo a affirmativa dos telegrammas, resultando afinal d'esse brilhante feito de armas a occupação definitiva d'aquella importante posição.

Merece ler-se attentamente a seguinte carta, dirigida ao meu amigo, o sr. Fernando Eça Leal, escripta e datada no proprio theatro da guerra pelo sr. Simão Laboreiro, que fez a campanha toda como voluntario.

Diz assim:

«Bivaque em Ancongo (Cuamato), 2 de setembro de 1907.

«Julgo um verdadeiro milagre escrever esta carta, pois durante o horroroso combate do dia 27, que ahi conhecem pelos telegrammas, considerei me morto.

«Ponho de parte os meus exaggeros, quando te affirmo que nunca houve em qualquer ponto de Africa um combate como aquelle. Officiaes que aqui andam, e estiveram nas campanhas do Gungunhana, confessam que não teem comparação com esta.

SUA EMINENCIA O EX-CARDEAL PATRIARCA D. JOSÉ III

«Os cuamatas deixaram-nos entrar em uma grande clareira, e alli nos atacaram pelas quatro faces do quadrado, estando nós completamente descobertos e elles occultos nas mattas.

«Durante quatro horas successivas a fuzilaria foi horrorosa! Basta dizer-te que nós disparámos oitenta mil tiros! Logo no começo uma bala furou-me o chapéo, e por milagre não attingiu o commandante Roçadas, que estava junto de mim. As balas zeniam em volta das nossas cabeças, algumas muito baixas, indo matar bois e cavallos. Uma bala matou dois pretos, que estavam deitados. O quartel general era o ponto mais visado.

«Deu se um facto curioso: n'uma descarga do inimigo morreram dois homens, que estavam um de cada lado de mim, e nada me aconteceu.

«O Martins de Lima tem sido um verdadeiro heroe. O seu esquadrão fez coisas extraordinarias!

«Amanhã marchamos para a celebre embala. Espera se um terrivel combate a duas horas d'este acampamento *(que effectivamente se deu em Damequere)*.

«Ha muitos mortos e muitissimos feridos.

«Abraça-te o teu muito amigo

«SIMÃO.»

Hoje, que está felizmente terminada a campanha, sabe se com quanta intrepidez e bravura os nossos heroicos solda-

AS EXEQUIAS POR ALMA DE HINTZE RIBEIRO, NA EGREJA DE S. DOMIGNOS, EM 13 DO CORRENTE — VID. CHRONICA OCCIDENTAL

(Cliché Benoliel)

dos desaffrontaram a nação do terrivel desastre de 1904, e subjugaram, em pouco mais de um mez, as hostes mais destemidas e ferozes do continente negro.

ALBERTO TELLES.

Cardeal Patriarcha D. José III

Os tempos vão de surpresas e a não menor foi o *Diario do Governo*, de 9 do corrente, publicar o seguinte decreto:

«Havendo o Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, meu como irmão muito amado, D. José Sebastião Netto, supplicado de Sua Santidade que lhe acceitasse a absoluta renuncia do dito patriarchado, em que fôra apresentado por carta regia de 12 de julho de 1883, e tendo essa renuncia sido acceite definitivamente e de accordo com o meu governo, hei por bem prestar o meu assentimento áquella resolução pontificia, acceitando tambem a pedida renuncia para todos os effeitos.

O ministro e secretario de Estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça assim o tenha entendido e faça executar. — Paço, em 7 de novembro de 1907. — Rei. — *Antonio José Teixeira de Abreu.*»

Ainda em vida de Leão XIII já Sua Eminencia havia manifestado ao Santo Padre o desejo de declinar o cargo; depois tornou a manifestar o mesmo desejo ao actual Pontifice. Ultimamente, porém, Sua Eminencia mudara de resolução e resignara-se a continuar no seu alto posto de Chefe da Egreja Lusitana; eis porque foi surpresa o decreto a que acima nos referimos.

Afinal, tudo se explicou.

O desejo de Sua Eminencia manifestado ao Summo Pontifice, foi tomado á letra como resolução definitiva e, embora o pedido de renuncia do sr. Patriarca não tivesse seguido pelas estancias oficiaes, de acordo com o Padroeiro, em Roma concederam a renuncia e nessa conformidade o communicaram ao governo português, o qual a communicou a Sua Eminencia convidando-o a apresental-a oficialmente.

MIGUEL ANGELO LAMBERTINI

Sua Eminencia, porém, persistio em não apresentar a sua renuncia, mas o processo tinha seguido os tramites oficiaes e não se podia derrogar.

Eis em poucas palavras como as coisas se passaram, e como a renuncia do sr. Patriarca é hoje um facto consumado.

O virtuoso prelado da Egreja Lusitana deixa com saudade o seu rebanho que ha 25 annos pastoreava com o amor e a caridade evangelica de um verdadeiro ministro do Senhor.

Nem uma voz se levantará contrariando esta afirmação.

As virtudes cristans que exaltam a humildade deste pastor da egreja, são geralmente reconhecidas, e é ainda a sua humildade que o faz regressar á vida monastica donde se apartara para assumir os altos cargos da Egreja que o reclamou.

De facto, o sr. D. José Sebastião Netto, que nasceu em Lagos a 20 de de janeiro de 1841, desde sua infancia revelou decidida e natural vocação para a vida eclesiastica por seu fervôr e piedade cristan, por aquella caridade e humildade evangelica que distinguem as almas boas.

Nunca ambicionou grandesas e melhor se sentiu no seu pobre convento franciscano, do que nos paços episcopaes, rodeado da sua côrte de principe da Egreja.

Por suas virtudes o foram buscar ao convento, em 1880, para o sagrarem bispo de Angola e Congo, e de ali passou, em 1883, a Patriarca de Lisboa.

Nem sempre o barrete cardinalicio, terá assentado em quem tão altas virtudes possuia para o merecer, e sendo estas o verdadeiro adorno do apostolo de Jesus Cristo não resta duvida que o Cardeal D. José Netto o é completo.

Em sua pratica o provou como em suas palavras, quando disse que a maior pena que levava ao deixar o seu rebanho era dos pobres que socorria e que muito irão sentir sua falta.

Lambertini e a Grande Orchestra Portugueza

No nosso pequeno meio artistico em que não faltam aptidões, que bem aproveitadas nos collocariam a par dos centros mais adeantados em materia d'arte musical; mas onde pouco se faz e produz, devido não só á má orientação, como ao espirito d'intriga mesquinha que lavra por toda a parte, e que quasi sempre anniquila os esforços dos mais bem intencionados; é sempre grata a tarefa de se poder elogiar alguem, que, arrostando com as mil contrariedades que se lhe deparam ao seguir o caminho que o conduzirá á realisação do seu ideal, não trepida um só momento, e cheio de coragem e abnegação vence gloriosamente os mais serios obstaculos.

Está neste caso Miguel Angelo Lambertini, que

A ORQUESTRA PORTUGUESA

(Fotografias do sr. Arnaldo da Fonseca)

com infatigavel actividade, tem dedicado prodigamente toda a sua vida, ao engrandecimento do nosso meio musical.

Nascido em 14 d'abril de 1862, começou muito cedo a mostrar decidida vocação pela musica, entrando no Conservatorio aos 10 annos, onde deu logo sobejas provas da sua precoce intelligencia.

Depois de ter concluido com louvor o curso elementar e complementar de piano, e harmonia, frequentou a aula de violoncello, sendo discipulo de Eduardo Wagner, que lhe dedicava profunda amizade.

Ao mesmo tempo que a sua educação musical se aperfeiçoava, seguia brilhantemente os seus estudos no Lyceu e depois no Instituto Commercial, conseguindo em pouco tempo adquirir vastos conhecimentos litterarios e scientificos, que o habilitaram a auxiliar seu pae no seu ramo de negocio, e com as suas luzes, imprimir um notavel desenvolvimento á sua casa commercial.

Lambertini é um escriptor distincto, e um investigador apaixonado. O seu livro escripto em francez, sob o titulo *Chansons et Instruments (renseignements pour l'etude du Folklore Portugais)* é um estudo desenvolvido e interessantissimo, sobre as canções e instrumentos do nosso paiz.

Mas fallemos do artista.

Como executante de musica «d'ensemble», podemos sem receio affirmar, que é um dos nossos mais distinctos artistas.

Não podendo tocar o solo por uma questão puramente nervosa, dedicou-se á musica de camara, e o seu valor tem sido bem patenteado em todos os concertos, que ha uns poucos d'annos, a Sociedade de Musica de Camara realisa durante os mezes d'inverno.

Tem uma notavel predilecção por Mozart, executando a musica d'este classico, com um *charme* difficil de ser imitado.

E' um severo observador do estylo dos diversos classicos, e conhece a fundo toda a litteratura musical de Bach, Mozart, Haydn, Beethoven, etc.

Devido a Lambertini, fundou-se ha sete annos a Sociedade de Musica de Camara, que já teria sossobrado por falta de apoio do nosso publico, se não fosse a sua inquebrantavel persistencia e a coragem que tem communicado aos seus collegas de trabalho.

Foi Lambertini quem promoveu a vinda a Lisboa da celebre orchestra de Berlim, unicamente com o fim de prestar um serviço ao meio musical do nosso paiz, pois que d'ahi não auferiu o mais insignificante provento. Muitos artistas teem vindo a Lisboa por intermedio de Lambertini, que está sempre prompto a ajudar e aconselhar aquelles que a elle se dirigem.

Guilhermina Suggia, não teria vindo á nossa cidade, e portanto não iria subsidiada pelo governo para a Allemanha, se Lambertini não a lançasse no caminho da arte.

A tantos e assignalados serviços que o nosso paiz deve a Miguel Angelo, ha agora a juntar a recente constituição da Grande Orchestra Portugueza, um dos factos mais notaveis que ultimamente se tem produzido no nosso meio musical.

Depois de mais de vinte annos d'um mutismo desconsolador, vivendo se só da memoria dos concertos realisados sob a direcção de Barbiéri, Colonne, Rudorff e outros grandes mestres, surgiu de novo uma pleiade de artistas que, devido aos esforços de Lambertini, se reuniram para formar junto com os nossos mais distinctos amadores, uma orchestra capaz de fazer ouvir ao nosso publico as obras mais notaveis dos auctores antigos e modernos. Como até aqui, não tinha aparecido ninguem que conseguisse reunir os elementos necessarios para a formação de uma grande orchestra, a todos parecia uma utopia a realisação d'esse ideal, e d'ahi o desanimo que se tinha apossado de todos aquelles que por qualquer fórma, tinham tentado a empreza.

Lambertini porém, mettendo hombros ao emprehendimento consegue reunir os artistas, que juntos aos nossos mais distinctos amadores, formaram a Grande Orchestra Portugueza que se apresentou em dezembro do anno findo no salão da Trindade e que na noite de 25 do corrente dará o seu segundo concerto no theatro D. Amelia.

Como se vê, devido á iniciativa de Lambertini, o projecto criou fundas raizes, podendo assegurar-se que hoje assenta em bases solidas e duraveis. Aqui deixamos em poucas linhas consignado e bem patente, o testemunho da alta consideração que professamos pelos valiosos dotes de artista de Miguel Angelo Lambertini, a quem nos liga uma antiga e inquebrantavel amisade.

D. Luiz da Cunha.

ZACHARIAS D'AÇA

Lisboa Moderna

Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso
Lisboa — 1907

E' primoroso em tudo o esplendido trabalho que o auctor denominou *Lisboa Moderna*, e que apezar de abranger 522 paginas de texto não enfada, antes deixa no espirito do leitor o desejo de continuação e a idéa de repetir a leitura.

Está dividido o citado texto em três partes: Litteratura, Bellas Artes e Sports, a cada uma das quaes correspondem, respétivamente, os seguintes sub-titulos: *Poetas e prosadores; Pintura; Esculptura; Caçadas; Esgrima nacional; Toiradas; Corridas; Kermesse Real; Festas nacionaes.*

ZACHARIAS D'AÇA

Zacharias d'Aça, com aquéla penna de prosadôr vernaculo e insinuante, prende nos e cativa-nos nesta sua ultima obra, publicada por maneira tal, que só por si — *Lisboa Moderna* — valer lhe ia de sobejo a consagração justissima do seu nome de distinto homem de letras, se já a não «tivera merecida» em anteriores produções egualmente recomendadas e recomendaveis.

No seu ponto de vista, de ordem estética, define e acentúa o passado, caracterisa com firmeza de mestre vultos e figuras que brilharam na sua epoca, procura melhor orientação de meios para incontestado progresso, numa palavra, deleita e edifica a quantos sabem apreciar o que lêem e têem dentro d'alma o nobre sentimento da patria.

Esquivo me a mais extensa noticia sobre o texto a que aludo, por que me parece, haveria de ser incompleto na minha tentativa, tantas são as belezas da obra, e, em similhante caso, nada se lucra com lêr a critica, tudo aproveita lendo-se o proprio original.

D. Francisco de Noronha.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XII

Sumario

O testamento do almirante de Castela — A clausula principal — O codicilo de Casnedi — Faz-se o inventario da herança — Alfaias, joias e telas preciosas — A historia das cartas roubadas — Proezas do padre Alvaro de Cienfuegos e do principe Antonio de Liechtenstein — Os primeiros emprestimos — A venda das alfaias de D. João de Cabrera — Quem foram os principaes conspiradores — Mais ardis e Cienfuegos — Abandona Casnedi a administração da testamentaria — Senten a apontatoria dos sindicantes — Como foram liquidadas as dividas de Carlos 3º — Por onde se vê o destino dos bens do almirante — Lista de alguns devedores e de algumas dividas — O que sucedeu depois da paz de Utrecht — São confiscados por Filipe de Anjou os palacios e quintas de D. João de Cabrera — Uma lacuna de 28 annos — Principia-se o colégio das missões — Sua destruição — O que resta dos bens do almirante Castelhano — O culto da Nossa Senhora da Conceição herdeira da testamentaria —

Depois da morte do almirante, em Estremoz, interesantissimos casos se passaram. Antes, porém, de se mencionarem convem elucidar suficientemente o leitor das suas ultimas vontades.

O testamento original não o encontrou Herculano quando preparava o folheto já aludido; não o encontrei eu tambem. E' de supôr que fosse para Roma, tanto mais que o codicilo feito por Casnedi dá a entender isso mesmo. Entretanto procurei-o. Tanto na Escola Politechnica como na biblioteca da Ajuda, o resultado das minhas pesquizas foi nulo, justificando assim as alusões do jesuita.

Tive por isso de me contentar com a copia existente na Torre do Tombo de que já Herculano se havia servido. (1) Vejamos o que ella nos diz.

*

O testamento pode reduzir-se, para o nosso intento, á parte que diz respeito á fundação do colégio das missões. Afora as pensões de oitocentas e de quinhentas patacas, legadas respectivamente aos padres Casnedi e Cienfuegos, seus testamenteiros, tudo o mais não nos importa grandemente. Os restantes testamenteiros deviam ser o procurador das indias orientaes e o provincial da companhia de Jesus em Portugal dado o caso, que se deu, de ter Felipe de Anjou alcançado o trôno de Espanha. N'isto consistia a sua clausula principal.

O documento fala assim:

«*Declaro que en caso que sua Magde no tome dicha possession* (refere-se a Carlos 3.º) *lhamo e constituyo por heredera universal de mis bienes que aôra possuo em Portugal a Nra Señora de la Conception, titulo de la nueva casa do Noviciado de la comp.ª de Jesus que se ha de fundar em Lisbôa, pera personas de la compania que quieren sacrificar su vida en la conversion do los infieles de las indias orientales y de la china*». (2)

A clausula era portanto esta: Se Felipe de Anjou fosse o favorecido da sorte das armas, o colégio devia fundar-se em Lisbôa; no caso contrario, dada a suposição que Carlos 3.º alcançasse o trôno de Espanha, o noviciado fundar-se-ia em Madrid. Foi o primeiro caso que se deu, como já houve ocasião de vêr-se, e foi a nossa capital a escolhida para séde do colégio das missões que fôra, durante a sua vida, o sonho doirado do almirante.

Conforme as disposições testamentárias ficava o colégio encarregado do pagamento dos legados, herdando os no caso de falecerem ou faltarem a recebê los os contemplados. Aos testamenteiros competia a execução do enterro e a fatura imediata de um inventario de todos os bens que deveriam ser depositados no colégio de Santo Antão da companhia de Jesus.

Aparte o testamento, o almirante que não tinha perdido a sua mania predominante, fez mais um codicilo, ou memoria complementar que ficou na mão de Casnedi.

No documento principal faz-se refencia a mais esta excrecencia oficial da testamentaria, do seguinte modo:

«*Demas a más se hade obligar a complir* (refere-se ao novo colégio das missões) *con los outros cargos que declaro en una memoria aparte firmada ó de mim, ó del padre Casnedi, ou de entrambos, tanto más que del padre Casnedi, mi confessor, tengo entera satisfacion. I dicha memoria és parte de mi testamento y hade tener la misma fuerça que mi testamento*». (3)

*

Ha neste codicilo uma disposição que julgo não dever ocultar, e é ella um legado de mil cruzados novos ao convento de S. José de Ribamar, como lembrança da hospedagem que ali teve e quinhentos cruzados ao de Nossa Senhora da Boa Viagem, que lhe ficava proximo, e do qual, é de prevêr, recebesse identicos favores.

Casnedi ficou portanto conforme a letra do codicilo, feito por elle habilidosamente, senhor absoluto da maioria dos bens do almirante arrecadados em mão oculta. Da sua administração diremos logo e ver-se-a como ella foi causa de invejas e ambições que quasi consumiram estérilmente e em poucos annos, alguns centenares de contos que o ingenuo almirante deixou neste val de lagrimas a semear discordias.

(Continúa.)

G. de Matos Sequeira.

(1) Juizo da Inconfidencia — Jesuitas e Tavoras — Maço 1.º
(2) Idem — Maço 85 — N.º 7
(3) Idem — Idem
(4) Livro 52 da coleção pelo Ministerio da Instrucção Publica — Torre do Tombo

CIENCIA MODERNA

Passagem do Mercurio sobre o Sol

No dia 14 de novembro, foi observado entre nós, o fenomeno da passagem do planeta Mercurio sobre o disco brilhante do Sol. Kepler quem primeiro predisse, em 1627, as épocas em que os fenomenos deveriam ter logar, anunciando para o dia 7 de novembro 1651, a data da sua realisação, o que, com effeito, sucedeu, mas, como fosse de noite, na Europa, o inglez Shakerley, partiu espressamente para Surate, na India, afim de presencear melhor o espetáculo.

O calculo do encontro entre o planeta que citamos e o Sol é um estudo assaz complexo, todavia, o saber a época em que elle se dá, é facil, basta para isso achar, os multiplos communs das durações da revolução sideral da Terra, das revoluções sideral e sinodica de Mercurio e, em seguida, estudar a posição dos seus centros, nas épocas designadas, baseando-se na altura do Sol.

E assim, durante o seculo XX, a serie de paçagens do Mercurio sobre o Sol, será:

1907 —	Novembro	14
1914 —	»	6
1924 —	Maio	7
1927 —	Novembro	8
1937 —	Maio	10
1940 —	Novembro	12
1953 —	»	13
1960 —	»	6
1970 —	Maio	9
1973 —	Novembro	9
1983 —	»	10
1986 —	»	12
1999 —	»	14

Observando os interválos entre duas passagens sucessivas, nota-se que estes seguem a serie 13, 7, 10, 3, 10, 3 annos, para voltar, novamente, ao principio de uma segunda serie.

A duração do fenomeno é variavel conforme a época, com um maximo de 7 horas 54 minutos e um minimo de 11 minutos (Novembro, 1776).

O aparecimento do disco obscuro sobre o Sol, observar-se ha, á esquerda caminhando a pouco e pouco para a direita, sucedendo a mesma ordem de fenomenos, quando o disco obscuro tender a afastar-se do Sol, isto é, será a parte esquerda a primeira que deixará de estar afetáda pela sombra, sendo o ultimo contacto, produsido, por conseguinte, á direita do Sol.

Referindo-nos a eras astronomicas, eis aqui as horas aproximadas do fenomeno para Lisboa:

Primeiro contacto.....	11^h 16′–29″
Ultimo contacto......	14^h 42′–38″

Aconselhamos aos que se interessem por este assunto, a fazer no momento da passagem as seguintes observações:

Procure-se o planeta Mercurio, antes e depois do contacto, projétado sobre a corôa solar, aparecendo como um ponto negro de tinta, sobre o Sol, e algumas vezes envolvido em uma aureola sombria e nebulosa, como o presencearam Schroeter e Hardny em 1799, e Moll em 1832. Em compensação, Plantade, em 11 de novembro de 1636, e Flangergues, em 1786, 1789 e 1799, e Huggins, em 5 de novembro de 1868, observaram uma aureola mais luminosa que o proprio Sol e de uma largura egual á terça parte do diametro de Mercurio (Huggins, 1868).

Esta observação é possivel que nos demonstrasse factos ainda hoje discutiveis, taes como, a existencia de uma atmosfera propria para a vida animal e vegetal e o comprovativo da causa da aceleração secular do periélio do planeta, aceleração reconhecida por Vernei, mas não confirmada.

Quando soubermos os resultados obtidos pelos mestres da astronomia, sobre este fenomeno, daremos por concluido o assunto.

Antonio A. O. Machado.

NECROLOGIA

O maestro Rio de Carvalho

Finou-se na tarde de 2 do corrente o maestro Rio de Carvalho, que durante muitas épocas foi o compositor musical mais fecundo dos theatros de Lisboa, onde tambem se fez apreciar como primeiro violino e director de orchestra.

João Pedro Augusto Rio de Carvalho nasceu n'esta capital a 20 de setembro de 1838 e aos 14 annos, depois de cursar brilhantemente o Conservatorio, foi escolhido para musico do real theatro de S. Carlos, distinguindo-se tanto, que ali mesmo veio a occupar o *fauteuil* de regente.

O fallecido monarcha D. Luiz, que era, como se sabe, um *virtuose*, conhecendo as suas aptidões nomeou-o musico da real camara e da Sé patriarchal e condecorou-o com os habitos de S. Thiago e de Christo.

RIO DE CARVALHO

São numerosissimas ás composições sacras e profanas de Rio de Carvalho, sendo algumas d'um alto valor como a *Batalha de 12 de agosto*, executada por uma grande orchestra na Exposição Industrial da Avenida da Liberdade, e o *Te-Deum* da acclamação de el rei D. Carlos, mas o theatro mereceu-lhe sempre especial predilecção.

A sua primeira obra, ouvida no theatro, foi a musica da magica *A Filha da Noite*, representada nas Variedades, e obteve tal agrado que o consagrou como artista dos mais habilitados em semelhantes assumptos.

Desde então, as peças para que compoz musica contam-se ás centenas e os successos alcançados provam o seu grande talento e a fecundidade da sua inspiração.

São d'isso immorredouros attestados as partituras das operas-comicas *Flor de larangeira*, *Dois cadis*, *Calixto o mascato*, *Lazarilho*, *Tres saias da menina*, *A toutinegra*, *A maçã*, *El novo D. Quixote*, *O botão* e *Lesto a virar*; das operetas *Dois sargentos*, *Sem fato e sem noiva*, *Medico d'aldeia*, *Imperador Atchim-Fá*, *Circassianas*, *Marcos Marques Malaquias*, *Velho rico de Celorico*, *Salamandra*, *Dama de espadas* e *Homem das decimas*; das parodias *Mascotte n.º 2*, *As claras e ás escuras*, *D. Preta*, *José João*, *Princeza d'Arrentella*, *Negro d'Alcantara*, *Ze povinho*, *Capital de Portugal* e *Nini-tocha*; das magicas *Amores do diabo*, *Pomba dos ovos d'ouro*, *Pera de Satanaz*, *Diabo Negro*, *Espelho da verdade*, *Varinha de condão*, *Annel prodigioso*, *El-rei Masingombé*, *Espirros do diabo*, *Mulher do diabo*, *A visão da meia noite*, *Diabo á solta* e *Sombra do rei*; das revistas *Etc e tal*, *Microbio*, *Juizo do anno*, *Antonio Maria*, *Abre bem os teus olhos*, *Pontos nos ii*, *O anno das pontas*, *Seis mezes na Parvonia*, *Outra metade*, *O rei Kalakana*, *Sarilho*, *Fim do seculo*, *Zas-tras*, *Os festejos Antoninos*, *Roda viva*, *Farroncas do Zé*, *Parodia*, *Talvez te escreva*, *Lisboa em camisa*, *Na lua*, *Tanglomanglo das loterias* e *Dobadoura*; dos vaudevilles *Nitouche* e *Marechala*; das zarzuellas *Processo do Can-Can* e *Theatro por dentro*; e dos dramas *Senhora da Bonança*, *Anjo da meia noite*, *93*, *João o Carteiro*, *Mar e guerra*, *Santa Isabel*, *Heroes de 1820*, *Patuleia*, *Maria da Fonte*, *Graça de Dêus*, *D. João 1.º*, *Miguel Strogoff* e *Naufragio do vapor Porto*.

Tambem é d'elle o bailado *O sonho do Visir*, que ha bastantes annos, em S. Carlos, teve verdadeiro exito.

Rio de Carvalho era muito modesto e em extremo bondoso, qualidades estas que muito honram a sua memoria e que o tornaram estimadissimo dos seus collegas.

O actor Cesar de Lima

Mais um artista notavel da velha guarda que desapparece e cujo passamento, que teve logar a 3 de novembro, consternou deveras quem se interessa pelo theatro, apesar de Cesar de Lima já não representar desde 1900 e de, ha mezes, se achar retido em casa soffrendo d'uma paralysia.

Não morreu novo, pois fizera 75 annos de edade em 15 de março ultimo, mas a gente habituara se a vel-o nos theatros e nos cafés, a escutar a historia das suas aventuras de actor e de bohemio, que elle contava com um picaresco bom humor que nos prendia a attenção horas esquecidas, fazendo perder de riso ainda o mais sisudo, e por isso afigurava-se-nos que o Cesar era eterno.

Um galhofeiro d'aquelles nunca deveria deixar de existir para nos desopilar o figado e para mostrar a esta geração de sorumbaticos como os nossos antepassados tinham espirito e se divertiam.

Todos conhecem as partidas do Cesar, que as gazetas apregoaram sufficientemente para que seja preciso repetil-as no Occidente e por isso, apenas nos referiremos á sua carreira artistica.

Estreou se no theatro de D. Maria, a 9 de julho de 1850, no drama *O herdeiro do Czar*, ao mesmo tempo que outros trez artistas, que tambem muito se distinguiram no palco, e que a morte ceifou muito antes d'elle; — Santos Pitorra, Simões, pae da notavel actriz Lucinda Simões, e Faria, o creador do general Boum da *Gran Duqueza*.

Cesar de Lima, apesar de ter só 18 annos, era um verdadeiro bohemio e como de mais a mais já tentara, sem resultado proficuo, ser dourador, alfayate, ourives, livreiro, typographo, e não sabemos se mais alguma profissão, ninguem acreditou que elle pisasse o tablado por muitos dias.

Esta opinião dos seus conhecidos ainda mais se avolumou com a sua passagem para outro theatro: — o da Rua dos Condes.

Aqui porém, deram-lhe papeis de importancia e o Cesar, desempenhando se d'elles a contento do publico e do ensaiador, começou a interessar se seriamente pela arte em que, d'ahi a pouco, tanto se salientava.

CESAR DE LIMA

Voltando para o Normal conseguiu brilhar ao lado das sumidades d'então, e, depois de ter passado algumas epocas no Gymnasio, onde fez optima figura, eil-o de novo no templo de Garrett, mas d'esta vez com a classificação de actor de primeira classe, posto em que ha annos estava aposentado, e que era d'onde lhe vinham, actualmente, os meios de subsistencia, pois que, embora tivesse sido emprezario por varias vezes, nunca logrou juntar peculio.

Cesar de Lima foi um *galan comico* brilhantis-

simo, e dizem pessoas competentes que o viram nas comedias *Uma chavena de chá*, *Solitarios*, *Historia d'um pataco* e *Timidez de Cornelio Guerra*, que ainda ninguem o egualou. E, quando, por ir engordando e avançando em edade, passou a desempenhar os *centros*, foi egualmente um artista de primeira plana. Entre os seus melhores trabalhos n'este genero destacam-se o Casca Grossa do *Paralytico*, o Capitão Mór da *Morgadinha de Val-Flôr*, o caçador d'ursos da *Córa ou escravatura*, o Landolfi da *Guerra em tempo de paz*, o Bourganeuf das *Surprezas do divorcio*, o Macdonald do *Bibliothecario*, o policia Tristot do *Rogerio Laroque* e o Barnabé do *Assassino de Macario*.

O repertorio de Cesar de Lima era enorme, como é facil calcular sabendo-se que elle representou durante 45 annos; portanto tornar-se-hia enfadonho enumeral-o e para nós a tarefa seria difficil, visto termos menos de metade da sua edade e só termos podido apreciar o seu merito desde 1884.

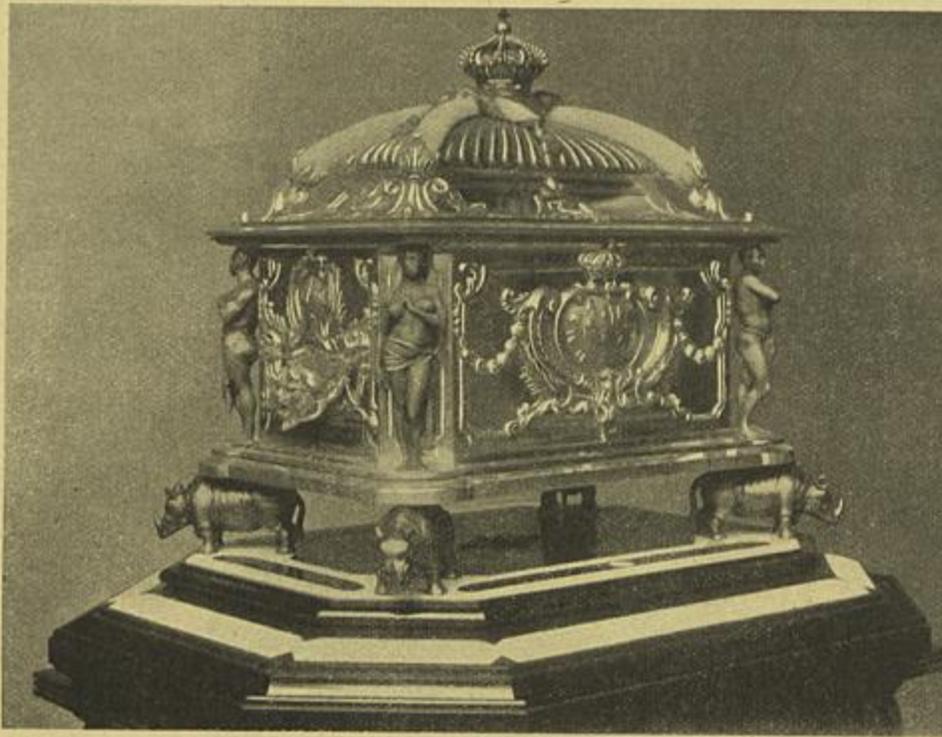
Representara elle no Gymnasio, que tinha uma excellente e numerosa companhia, em que se conglobavam artistas de alta valia, como Montedonio, Polla, Silveira, Joaquim d'Almeida, Valle, Augusto de Mello, Barbara, Beatriz Rente, Jesuina Marques, Maria das Dores, Maria Carolina, etc., sem fallar no grande Taborda que, de vez em quando, lá ia tomar parte em alguma comedia do seu repertorio, e sem citar Lucinda do Carmo, Telmo e Cardoso que principiavam a evidenciar-se.

A ultima escriptura que teve Cesar de Lima foi a da epoca de 1894-1895 em D. Maria e a sua ultima creação neste theatro a do Barão d'Alvar da peça de Marcellino Mesquita *O velho thema*.

Cinco annos depois ainda voltou ao palco a pedido de Pepa Ruiz, mas apenas para desempenhar um papel: — o de Barão Cordesso do vaudeville *A Mulher-policia*, que subiu á scena no theatro Avenida para reapparição d'aquella actriz que estivera muito tempo ausente no Brazil.

Como acima dissemos Cesar de Lima foi emprezario e n'esta qualidade tambem deixa o seu nome vinculado nos annaes do theatro.

A elle se deve a existencia do theatro do Principe Real, pois foi elle, como nos afirmou, quem metteu em brios o fallecido empreiteiro Ruas, avô do actual emprezario, para proceder á sua construcção. A elle se deve tambem a estreia das grandes actrizes Virginia e Anna Pereira, da irmã desta Margarida Clementina e dos actores Gama, José Bento e Bayard, que bastante honraram a scena.

PEDRO PINTO.

COFRE DE PRATA OFERECIDO A SUA ALTEZA O PRINCIPE REAL PELA COLONIA DE ANGOLA
Executado nos atelieres dos srs. Leitão & Irmão, joalheiros da Corôr
(Cliché da Fotografia Aleman)

Cofre de prata oferecido a S. A. o Principe Real pela colonia de Angola

Obra de Arte da Ourivesaria Leitão & Irmão

Tem estado exposto ao publico na ourivesaria Leitão & Irmão, no largo das Duas Egrejas, o cofre que faz o assunto da nossa gravura, e que é mais uma primorosa obra de arte executada nos *ateliers* dos srs. Leitão & Irmão, que têem sido uns verdadeiros restauradores da ourivesaria portuguêsa, nos tempos de seu maior explendor.

Bastas são já as obras deste genero que tem provado a competencia da casa Leitão, e nesta revista algumas tem sido reproduzidas, sendo das ultimas a bella placa oferecida a S. A. o Principe Real pela empresa do caminho de ferro do Lobito, e a taça oferecida pelo sr. marquês de Valflôr para a festa maritima de Cascaes.

Hoje temos a apreciar o cofre que a colonia angolense incumbiu de fazer á casa Leitão, a qual se desempenhou do encargo, com a arte e superior bom gosto que distinguem os seus trabalhos, confiando a execução a artistas como o sr. João da Silva e Julio Rodrigues Pinto, profissionaes de provada competencia.

O cofre a que nos estamos referindo, é de prata e mede 36 centimetros de comprimento por 26 de largo e 36 na sua maxima altura. Sustentado na base por quatro rinocerontes dourados, assenta sobre um estrado de pau santo, moldado e com apainelados de marfim.

O estilo decorativo do cofre filia-se no seculo XVIII, apresentando nas suas quatro faces, em primorosos relevos, o brazão de armas da provincia de Angola, e os de Loanda e de Mossamedes, e na face posterior á do brazão de Angola, uma vista de Loanda gravada. As figuras que se vêem nos quatro angulos do cofre, magnificamente modelados, representam dois pretos e duas pretas da provincia. A tampa, abaulada das quatro faces para o cimo é graciosamente moldada em gomos, e quatro dentes de marfim partindo de cada angulo vão unir se no vertice, sob uma almofada em que descança a corôa real.

No apainelado do estrado em que assenta o cofre, lê-se gravado no marfim a seguinte inscripção: *Offerecido a Sua Alteza o Principe Real pelos representantes da Agricultura, Commercio e Industria da provincia de Angola, como recordação da visita feita pelo mesmo serenissimo senhor á referida provincia em agosto de 1907*.